

DECLARACAO

DE

MARIA EMILIA BAPTISTA GUSMAO

Antes de mais, desejo manifestar os meus mais sinceros agradecimentos.

pela gentileza do convite que me foi endereçado *pelo Senhado*
Socialista do Parlamento Europeu

para me deslocar a Portugal e participar no esforço conjunto dos timorenses e portugueses de lembrar ao mundo o drama e a luta do povo de Timor Leste. Agradeço especialmente o dr. Fernando Marques da Costa pelo seu empenho pessoal na minha vinda a Portugal, por todas as facilidades concedidas, pelo carinho com que fui acolhida a chegada.

Sou uma mulher timorense, sou uma mãe timorense, vivo a vida e a condição da mulher timorense. Procuro assim interpretar o sentir, o viver, a dor, a angústia, o drama, a luta e a determinação da mulher timorense, de todo o povo timorense.

Partilhei com o meu povo, mulheres, homens e crianças, cerca de 15 anos de luta, de dor, de sofrimento, de humilhações. Os meus olhos presenciaram e testemunharam cenas que jamais se apagarão da minha memória, da memória dos meus filhos, e da memória

colectiva do meu povo. Mulheres foram violadas e assassinadas; crianças foram assassinadas; jovens sofreram a tortura e a morte. De 1975 a esta data, Timor Leste transformou-se num vasto campo prisional. O timorense, natural da terra que o albergou há milhares de anos, não pode circular livremente, não pode viajar na sua própria terra. As ditas estradas asfaltadas que o governo indonésio apregoa ter construído e que certos governos ocidentais apresentam como exemplos de "desenvolvimento", justificando assim o seu apoio à ocupação do meu país, servem afinal para a circulação dos blindados, dos carros de assalto, das colunas militares.

Estes 15 anos de ocupação militar só resultaram na maior tragédia que jamais se abateu sobre o nosso povo e o nosso país. Vivi na minha própria carne, ainda sinto na minha alma, as humilhações e as torturas físicas e psicológicas que me foram infligidas em inúmeras ocasiões.

A partir de 1981, quando o meu marido, Xanana Gusmao, assumiu a liderança da Resistência em Timor Leste, o meu calvário de humilhações e tortura começou verdadeiramente. Era submetida a interrogatórios que nunca duravam menos de seis horas. Os

interrogatórios ocorriam durante o dia, a noite ou mesmo pelas duas de madrugada. As crianças, às vezes doente, tinham que me acompanhar pois elas eram o instrumento de tortura psicológica.

Uma pistola era apontada à minha cabeça, eu sentia o puxar do gatilho...E o meu carrasco parava no derradeiro segundo para me perguntar, apontando para as crianças:"Não acha que seria pena deixar estas crianças"?

Tudo isso tinha por objectivo obter "confissões". Os oficiais de segurança queriam informações sobre o paradeiro do meu marido; queriam que eu os acompanhasse nas operações de caça ao meu próprio marido; tentavam convencer-me de que o meu marido, o Comandante Xanana Gusmão, queria render-se mas que só o faria com a minha presença; falsificavam cartas dos meus filhos que eram lançadas no mato apelando ao pai para se render. Fui insultada, torturada, cuspidada na cara quando a tudo eu respondia não, quando me negava a trair o meu marido e a Resistência, quando me recusava a vergar.

A minha experiência pessoal, no entanto, não reflecte ^{toda} a realidade trágica da ocupação. Milhares de mulheres perderam a vida. Milhares foram torturadas. Muitas mães viram os seus filhos perecer de tortura para depois elas próprias serem assassinadas. Muitas outras foram violadas, ultrajadas. Às vezes eu pergunto a mim própria se falando em números, os números não serão um mero abstracto para o mundo, os políticos, governantes, jornalistas. Mas as mulheres que foram violadas, torturadas e assassinadas não eram um abstracto. Eram seres humanos, tinham um corpo, uma alma, uma dignidade, a sua cultura, a sua história. Nós não somos um abstracto e a minha experiência pessoal não foi uma fantasia, não foi um sonho mau, não foi um pesadelo, assim como não foi um pesadelo, um abstracto a experiência de milhares de outras mulheres, menos bafejadas pelasorte, que não podem estar aqui para corroborar as minhas palavras. Mas como eu há outras mulheres timorenses na Austrália e em Portugal que tiveram a mesma experiência. Como eu, conseguiram sobreviver à morte mas não conseguem, não conseguimos apagar das nossas memórias as cenas de horror, de terror militar,

de prisões arbitrárias sem julgamento, que ainda hoje assolam a nossa terra sagrada.

Para finalizar quero apelar aos homens e as mulheres de Portugal, da Europa, de todo o mundo, para que juntem as suas vozes às vozes de protesto da mulher timor. Apelo à solidariedade humana, à solidariedade cristã. O povo de Timor Leste está a ser exterminado impunemente. Um crime de genocídio está a ser perpetrado em pleno final do Século XX. Será preciso que todo um povo seja exterminado para que daqui a alguns anos o mundo reconheça afinal que houve um crime de genocídio em Timor Leste? O povo judeu foi massacrado impunemente pelas forças nazis; o povo armeno foi massacrado; os curdos estão a ser de novo dizimados; o povo cambojano foi massacrado; os povos índios das Américas foram massacrados; o povo aborígine australiano foi praticamente dizimado. Perante essas tragédias humanas, a própria humanidade parece ter adquirido uma couraça de indiferença. Os governos ocidentais, os Estados Unidos da América, o Reino Unido, a França, e outros, que tão alto apregoaram os princípios do direito internacional e intervieram no Koweit como poderão continuar a ignorar o drama do povo de Timor Leste?

Obrigada.